

**UMA APROXIMAÇÃO A *UNHA TEMPADA NO PARAÍSO*, DE
CLAUDIO RODRÍGUEZ FER.**

Saturnino Valladares

O objeto da presente resenha é apresentar, no Brasil, o último livro de poemas, publicado de modo independente, do poeta espanhol Claudio Rodríguez Fer, *Unha tempada no paraíso* (ed. Toxosoutos, A Coruña, España, 2013). Claudio Rodríguez Fer, poeta, narrador, dramaturgo e ensaísta em vanguarda, nasceu em 1956, em Lugo, Espanha, e tem dedicado vários livros ao erotismo, desde os cinco primeiros de poemas, reunidos posteriormente em *Vulva*, seguindo por *A unha muller desconhecida*, *Viaxes a ti* e *Unha tempada no paraíso*. Convém assinalar que esta paixão pelo erótico e vital do poeta tem estado íntima e radicalmente unida a um compromisso integrador pela liberdade, a justiça e a paz no mundo, como constata sua trilogia poética consagrada à memória histórica de Galícia. Claudio Rodríguez Fer desenvolve a sua obra de criação em língua galega, tanto em prosa como em verso, e foi traduzido ao espanhol, catalão, francês, italiano, inglês, alemão, bretão, russo e árabe.

Nesta resenha, por conseguinte, vou tratar do último livro de Claudio Rodríguez Fer, *Unha tempada no paraíso*. No ano 2011, o autor publicou *Amores e clamores (Poesía reunida)*. Por falta de tempo decidi não apresentar ou introduzir minimamente esta obra total e cósmica que merece uma atenção maior que eu hoje posso aqui dedicar-lhe. Tratarei por tanto do seu último livro de poemas publicado de modo independente, *Unha tempada no paraíso*.

Rodríguez Fer desenvolve a sua obra de criação em língua galega, tanto em prosa como em verso. Entendo que para os falantes de português não apresentará demasiadas dificuldades reconhecer as palavras da língua da Galícia. Lembremos que o galego e o português foram a mesma língua até o ano 1400 mais ou menos, quando se constituem o reino de Portugal e o reino de Galícia-Castilla-León.

Introdução

Quando tinha catorze ou quinze anos, alguém me disse que a poesia era a mais formosa do mundo. Por aqueles dias, eu vivia apaixonado por uma das minhas vizinhas e nada desejava mais que o beijo daquela menina e ser um grande poeta. Minhas leituras eram escassas, isto é, lia bastante, mas sempre aos mesmos autores que me entusiasmavam: Gustavo Adolfo Bécquer, Federico García Lorca, Pablo Neruda e alguns poemas de Rafael Alberti ou Blas de Otero. Não sei como chegou as minhas mãos uma instância de *Tigres de ternura*, a segunda publicação de Claudio Rodríguez Fer. Suspeito que, com curiosidade, o peguei numa estante da Biblioteca Municipal de Lugo, minha cidade, como outros tantos livros de poemas que folheava cada dia sem lhes encontrar o sabor, mas este livrinho de massas negras, poemas escritos com uma letra redonda e colorida como a de minha irmã, maravilhosos traços eróticos de Carmen Blanco e, o melhor, aquele “Conxuro” que cantava,

*Que os meus versos
te apreixen verba a verba
cal brazos que te abracen
como tigres de ternura.*

Minha relação com *Tigres de ternura* foi de bom e verdadeiro amor, isto é, amei-o à primeira vista e para sempre e, em uma tarde, se converteu num dos meus clássicos e livro de cabeceira, lugar que deixou de ocupar, unicamente, quando descobri que o poeta tinha recopilada sua obra erótica completa, até aquele momento, baixo o título de *Vulva*. Aí estava aquilo que eu queria escrever e pressentia, na formosa língua de minha pátria, Galícia, e o lume e os *carballos* dos que falava meu avô.

1. Biografia

A seguir apontarei alguns fatos importantes da vida e obra do intelectual galego. Claudio Rodríguez Fer, poeta, narrador, dramaturgo e ensaísta de vanguarda, nasceu em 1956, em Lugo, Espanha, e tem consagrado vários livros ao erotismo, desde os cinco primeiros de poemas, reunidos posteriormente em *Vulva*, seguindo por *A unha muller descoñecida* e *Viaxes a ti*, até este último que aqui apresento, *Unha tempada no paraíso*. Convém assinalar que esta paixão pelo erótico e vital do poeta tem estado íntima e radicalmente unida a um compromisso integrador pela liberdade, a justiça e a paz no mundo, como constata sua trilogia poética consagrada a memória histórica de Galícia.

Na atualidade, Rodríguez Fer ocupa o cargo de diretor da Cátedra Valente de Poesia e Estética e da revista universitária *Moenia*, ambas da Universidade de Santiago de Compostela, Espanha, e coordena os cadernos interculturais *Unión Libre*. Sua obra está traduzida ao espanhol, catalão, francês, italiano, inglês, alemão, bretão, russo e árabe.

2. *Unha tempada no paraíso.*

Claudio Rodríguez Fer é o último poeta popular da lingua galega no sentido mais positivo da palabra, isto é, respeitado por essa minoria à que dedicava Juan Ramón Jiménez seus livros de poemas, querido pelo povo e por todos admirado. Há pessoas, poemas, canções e paisagens que te ajudam a amar a vida. Numa entrevista, García Márquez comentou que ele escrevia porque desejava que a gente o quisesse. Não sei se este era um dos objetivos primordiais de Claudio quando decidiu publicar *Unha tempada no paraíso*, ainda que sim asseguro que o conseguiu. A vida é mais formosa no paraíso, pois o autor entrega-nos um sonho que é “un paraíso/ a cambio dunha vida noutra vida” e, após conhecer este paraíso, tudo no inferno se volta mais purgatório. No entanto, este paraíso poético, humanístico e vital – como o que intuíram Rimbaud em *Uma temporada no inferno*, André Breton, para o que “tout paradis n’est pas perdu” (nem todo paraíso está perdido) ou o maravilhoso Baudelaire –, dedicado às uniões livres, assenta-se num “paraíso antibíblico ligado con os praceres da carne”, pois nasce de uma “libertaria arela humanista, acompasada ás aperturas múltiples da posvanguardia, abeirada aos límites cognoscitivos, asentada na entrega aos amores e animada por un nomadismo ancestral”, como com enorme análise crítica assinala Olga Novo no prólogo da obra. A este respeito, penso que é significativa a concisão erótica, a intensidade reflexiva, a elementaridade expressiva, o generoso canto ao prazer vital da união nos seguintes poemas da primeira parte da obra, “Soamente a apoteose”:

ELAS

Contigo
ámoas máis
e a ti con elas.

INCÓGNITA

Cando comezamos a amarnos
non sabemos como nos amaremos.
Soamente experimentamos
o que nunca sentimos.

PRACERES

Nunca obtiveron
pracer
sen dar praceres.

CORPOS

Os corpos

son o lugar
no que soñamos
con estar.

SOAMENTE

Soamente neste éxtase
teño a absoluta certeza
de non malgastar a vida.

UNIÓN

Despois da unión
nunca estarei só.

Também dentro desta primeira sección do libro, se encontra um outro poema minimalista entre o sorriso e o riso, o sabor e a negação da estrangeira no encontro amoroso. Uma Babel antibíblica:

VULVAS

As vulvas sorrín
sempre entre si.
E ningunha lingua
lles resulta estranxeira.

As cinco partes seguintes a "Soamente a apoteose" incorporam, ao transcendentalismo vital e ao compromisso ético, o motivo da viagem e o lugar de raiz céltica, atlântica, mediterrânea e, por suposto, erótica e utópica—"Viaxes verdes" e "Viaxes azuis" –, "Vias lácteas" leva-nos pelo universo harmónico e "Macumbas", pelo abismo do paraíso exótico, para, na última sección do libro, "A bomba rosa", retornar à erótica bigbánica. Neste sentido, *Unha tempada no paraíso* se liga também à poesia claudiana anterior, pois se esforça para restabelecer a dignidade e a memória das vítimas do fascismo, como já o havia feito em *A loita continúa* e *Ámote vermella*. Em palavras do escritor, "O lugar do amor é sempre o lugar da paz".

O poeta serve-se de recursos próprios da tradição poética culta e popular como paralelismos, símiles, metáforas, antíteses, sinestésias, aliterações e um larguíssimo etecetera. Sirva como mínima mostra do dito a aliteração sublime de "O labirinto das vulvas", onde o mesmo ritmo dos versos acaricia com nossa própria língua o paladar que devesse ser vulva.

Útero labirinto das vulvas,

labarada de lábiles labios

en limiares de limiares sen límites.

No seu perfil vanguardista, Claudio policroma energeticamente suas lúcidas e irracionais imáxens (*E galopaban sen límites no espazo/ polos mares unidos dunha pinga*), como em "Teoría do azul", "Desembarcaron despois da gran batalla" ou "O círculo das pedras azuis":

Construímos a lúa

coa mecánica das nubes

e o sol sobre as pedras azuis.

Inventamos a roda astral

mentres sei que existo

e que vos amo

en catro circunferencias

e un círculo.

E así inauguramos o solsticio.

Con poleas de amor sedimentado,

con pancas de desexo cósmico.

Para ver a loira

cómpre esquecer

ovellas e guerreiros.

Ela só ama as mulleres e aos cabalos

baixo a sombra da agúa.

E só nese intre

no que toda a humanidade

está sobre esta herba verde,

baixo estas laxes azuis,

sobre este observatorio celeste,

amándose

en paz infinitiva.

A pena de vivir merece a pena

*e deixa de ser pena para sempre
como a danza do crómlech entre as penas.*

Convém não passar por alto o emprego dos neologismos antitéticos que penetram na matéria erótica, no corpo, até ser uma bomba com pétalas de rosa, no poema final do livro.

A BOMBA CON PÉTALOS DE ROSA

*Déixame docemente desviolarte,
reparar a túa rosa maltratada
cunha chuvía de bicos
ou de nada.
Quixérate vestir de desvestidos,
quixérate calzar de desandalias,
herba ou brisa por toda indumentaria,
e así amorosamente deslinguarte,
desocupar o idioma da intenrura
e desdicir*

dicindo

a verba núa.

*Desexo desferirte e frustrarte,
proclamar o amor a mar aberta
porque ti me ensinaches tristemente
que tamén pode nevar en primavera.
Desorballando bálsamo en ti dentro
ser nube quixera na túa boca
e así desactivar a húmida bomba
que ocultas con pétalos de rosa.
Eu teño o corazón conectado a unha bomba.
e daría a poesía por que estoupase en rosa.*

Por tanto, o poeta parte da tradição temática e estilística europeia, mas transcende quanto toca na escritura apaixonada de um Eros libertário que canta as uniões livres com voz vital de sonho e compromisso moral, com ecos intertextuais e homenagens a Ángel Johan, Eugenio Montale, Jorge Luis Borges, Arthur Rimbaud, André Breton e, muito especialmente, a José Ángel Valente. O amor ao amigo desaparecido faz-se explícito no formosíssimo poema "Nostalxia de nós", onde o autor, acompanhado da sua companheira Carmen Blanco, rememora a despedida de José Ángel Valente e poetiza "o regreso da viaxe/ de quen nunca partiu", em seu encontro com a morte. Os versos finais são estremeceadores.

NOSTALXIA DE NÓS

Xa teño nostalxia de vós

(José Ángel Valente, pouco antes de morrer, despedíndose de Carmen Blanco e de min)

*Hai lique na penouta,
fervenza nas burgas,
outra beira en fisterra,
o regreso da viaxe
de quen nunca partiu,*

*o poeta chega
ao derradeiro petouto
da dor diante da morte
-Así se aprende*

*non é un camiño de rosas
celestes do deserto
ou de pedra primordial,
máis ben un bosque
entre picoutos*

*un cervo vulnerado,
unha luz remota,
o mar que se dissolve
en sombras informes
como ninguén na nada,
só queda a altura
fósil no montouto*

*entra como un lobo
acariciado polos fentos,
crepitan os troncos
e murmuran as follas
das árbores escuras,
chove na marouta
e o fondo abisal
dos limos do légamo
humedece a lama
na que afunde sen fin*

*aínda que xa é nunca
a néboa non o néboa,
lembra as arcas milenarias
dos misterios da morte
na súa ritual terra nativa,
toca a palabra perdida
das orixes do mundo,
soamente restos de cinza*

*no fulgor da mandorla,
entra para sempre
na outra beira do alén,
e xa só ve o que non se ve.
Agora somos nós os que temos
nostalxia de nós.*

Pouco mais que acrescentar. Quisera fechar este artigo com dois poemas breves da seção "Macumbas", onde o encontro amoroso desconhecerá seu fim e toda a beleza do mundo cabe numa mirada.

VIR

*Non tiñas porqué vir,
pero viñeches.
Non tiñas porqué volver,
pero volviches.
E quedarás para sempre
aínda que marches.*

VER

*Os teus ollos crearon o mundo.
Para ti pode ser todo o que ves.
Abonda coa beleza da túa ollada
para que che pertenza canto hai.*

Com este breve texto tentei fazer com que se conheça, no Brasil, a obra e a personalidade de um dos intelectuais mais transcendententes do rico panorama artístico-literário espanhol, que, como um de seus traços mais caracterizadores, desenvolve sua obra literária na formosa língua galega e que, com a irrupção de sua poesia de signo erótico, renovou a estética da literatura galega dos anos 80. O pretexto deste artigo foi a publicação de *Unha tempada no paraíso*. Em minha opinião, o melhor livro de poemas de Claudio Rodríguez Fer, e isto é dizer muito.

3. Referência.

RODRÍGUEZ FER, Claudio. *Unha tempada no paraíso*, ed. Toxosoutos, A Coruña, 2013.